



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS 1 CAMPINA GRANDE
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

FABIANA LIMA DA SILVA

INTERTEXTUALIDADE NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE

CAMPINA GRANDE- PB

2014

FABIANA LIMA DA SILVA

INTERTEXTUALIDADE NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento á exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras com habilitação em língua Portuguesa.

Orientador (a) Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

586 Silva, Fabiana Lima da
Intertextualidade no gênero textual charge [manuscrito] /
Fabiana Lima da Silva. - 2014.
20 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Amasile Coelho Lisboa da Costa,
Departamento de Letras".

1. Gêneros Textuais 2. Intertextualidade 3. Charge 4. Leitura
I. Título.

21. ed. CDD 410

FABIANA LIMA DA SILVA

INTERTEXTUALIDADE NO GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção de grau de
Licenciada plena em Letras – Língua
Portuguesa.

Aprovada em: 03 / 07 / 2014.

Amasile Coelho L.C. Sousa Nota 9,0

Prof^{ms} Amasile Coelho Lisboa da Costa
Orientadora

Cléa Gurjão Carneiro Nota 9,0

Prof^{ms} Cléa Gurjão Carneiro
Examinador

Francisca Eduardo Pinheiro Nota 9,0

Prof^{ms} Francisca Eduardo Pinheiro
Examinador

Média _____

Resumo

Sabemos que trabalhar com os gêneros textuais requer atenção e conhecimento, visto que estes possuem suas especificidades e características. Devemos estar atentos ao discurso que cada gênero traz, atentando para a linguagem verbal e não verbal. Nota-se essa característica no gênero charge, bastante conhecida no universo jornalístico, a qual é marcada pela opinião, irônica, explícita, crítica, além do humor. O foco deste trabalho centra-se além das outras características pertinentes a esse gênero textual, trabalhar a intertextualidade, fenômeno inovador e criativo, bastante presente no gênero citado. Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por finalidade analisar a presença da intertextualidade no gênero, através de quatro charges, que abordam o universo político, escolhidas previamente, como observamos na análise do corpus deste trabalho. Destacaremos também, aspectos como: ironia, humor, crítica, linguagem verbal e não verbal, enfatizando que o professor precisa levar o aluno à percepção de que a intertextualidade é um recurso importante utilizado pelos chargistas para inovar e chamar atenção do leitor o que pode colaborar no despertar da criticidade dos alunos. Para a realização do trabalho foram utilizados os pressupostos teóricos de: Pereira (2010), Koch e Elias (2009), Bakhtin (2000), entre outros, os quais buscam mostrar de modo objetivo e coerente a questão da intertextualidade no conteúdo exposto.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Charge. Leitura

Introdução

Sabemos que por mais interessante que seja trabalhar o gênero textual charge, este possui suas especificidades, o professor deve ter cuidado para não perder o foco de sua inserção em sala de aula. Essa afirmação nos leva à percepção de que a charge é atrativa para se trabalhar a intertextualidade, entretanto, deve-se tomar cuidado no momento da análise para que não se perca o contexto de produção e o direcionamento do assunto. A intertextualidade em algumas charges traz conteúdos conhecidos do leitor e a imagem em muitos casos, expressam mais do que o verbal. Com essa afirmação, devemos estar atentos para não tratar a imagem como elemento meramente ilustrativo, visto que a opinião expressa em muitas charges é veiculada com mais evidência pela imagem caricatural do que pelo uso da palavra. No meio político a imagem e o verbal caminham muitas vezes juntas, ironizando e criticando.

A intertextualidade possui um sentido amplo, mas em sentido restrito pode ser definida como a relação que um texto mantém com outros previamente existentes. Seja em sentido amplo ou em sentido restrito, todo texto na sua produção e na sua recepção está ligado ao conhecimento que os interlocutores possuem acerca de outros textos previamente postos em circulação, isto é, os autores de determinado texto recorrem a outros existentes como uma forma natural de atividade comunicativa. Consideramos também a intertextualidade como recurso utilizado para inovar as situações cotidianas no meio político. Os acontecimentos estão na mente do leitor, fazem ou fizeram histórias. Quando observamos a intertextualidade no gênero charge devemos atentar para a relação entre os textos, ou seja, analisar o diálogo, a coerência, o ano ou por quem foi dito, o contexto em que foi veiculado, ou a quem remete a imagem.

Deve-se considerar também que a leitura da charge requer que olhemos o texto tendo em vista que este é perpassado por vozes de diversas origens de acordo com a intencionalidade do produtor, cabe ao leitor identificar os pontos de vista colocados em cena, para com eles discordar ou concordar, participando enquanto interlocutor do processo de leitura.

A escolha de trabalhar a intertextualidade no gênero charge se deu porque esse fenômeno é bastante interessante, criativo e inovador para se trabalhar com os alunos em sala de aula. Dessa forma, temos o intuito de chamar atenção de docentes que, muitas vezes, optam pela não inserção de gêneros textuais em sala de aula por falta de conhecimento ou interesse pelo assunto.

Considerando a produtividade dos aspectos discursivos- argumentativos do gênero charge, percebe-se que este contribui para a construção do cidadão crítico, uma vez que abre espaço para os alunos discutirem sobre determinados temas e estas discursões produzem opiniões, ideias e argumento necessários na aprendizagem sócio- cognitiva do aluno. A partir do momento em que o professor trabalhar a importância da intertextualidade no gênero charge, levará os alunos a notarem que este possui suas especificidades e estratégias para inovar e convencer o leitor e que as escolhas lexicais têm um propósito.

Os alunos precisam ter esse conhecimento para que não permaneçam leigos sobre um assunto próximo de sua vivência, pois, a língua é dinâmica e não se resume apenas à gramática. Trabalhar com esse gênero possibilita a inovação das aulas e contribui para o despertar da atenção do aluno, bem como suas capacidades de leitura, escrita e compreensão de textos, sendo estas uma das grandes preocupações dos professores.

O presente trabalho tem por finalidade analisar a intertextualidade no gênero charge focalizando o meio político, visto que no ano vigente haverá eleições em que os candidatos criam estratégias e meios para persuadir o leitor/eleitor. Baseados nisso, os chargistas apropriam-se desse fato para criar, inovar, criticar e ironizar a classe política. Além da intertextualidade, destacaremos características como: ironia, humor, crítica, entre outros. Ainda chamar a atenção de professores e alunos, destacando que o gênero é interessante de se trabalhar em sala de aula, desde que o professor tenha conhecimento e leitura sobre o assunto, uma vez que a charge está presente no meio político e social e muitos alunos não sabem analisar os recursos presentes, levando em consideração que são poucos os professores que focalizam este assunto em sala de aula.

1. Fundamentação Teórica

1.1 A relevância da inserção do gênero textual charge e da intertextualidade no contexto escolar

A teoria dos gêneros do discurso, tal como proposta por Bakhtin (2000), nos permite que repensemos não só a maneira com que enxergamos os textos com os quais lidamos diariamente, mas também como trabalhamos com eles na sala de aula, enquanto professores de português. Com a necessidade da inserção de meios com os quais seja priorizada a excelência do ensino/aprendizagem, foi evidenciado nos livros didáticos na última década do século XX a inserção de noções sobre gêneros textuais. Segundo Marcushi (2002 *apud* SILVA), os gêneros textuais

[...] contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a sociedades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à escrita (MARCUSHI *apud* SILVA, 2003, p. 08).

Entretanto, percebemos que o trabalho com a leitura de charges ou ainda com os gêneros textuais em geral que se resume na interpretação e na compreensão pode ser considerado insuficiente no livro didático de português, tendo em vista a superficialidade do assunto abordado. Com essa afirmação, percebemos a necessidade de os professores serem facilitadores e incentivadores de práticas educacionais. Ao colocarmos em discussão as noções sobre gêneros textuais, estamos pondo o aluno em contato com a gama de textos que circulam socialmente, o que contribui com o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita dos indivíduos. Assim, é importante também que a intertextualidade faça parte do planejamento do professor de português, para que os alunos busquem outras leituras com o intuito de perceber que ela é um recurso valioso para o estudo do texto com os quais ele de alguma forma se relaciona.

Sabemos que muitos professores não costumam dar a devida atenção aos gêneros textuais em sala de aula, visto que muitas vezes, estão preocupados com o ensino de gramática. Em muitos casos, esse ensino é superficial e enfadonho, não levando em consideração a dinamicidade da gramática e o processo comunicativo do aluno. Como afirma Silva (200, p 22.)

O ensino de gramática deve estimular o desenvolvimento do aluno enquanto usuário e aprender o conhecimento sobre ela enquanto estudiosos. Caso contrário o que haverá é o desestímulo dos alunos.

O fato é que muitos professores não possuem incentivo ou ainda conhecimento suficiente para trabalhar com gêneros textuais em sala de aula. É como se para alguns a charge, por exemplo, fizesse parte apenas do universo jornalístico e a intertextualidade assunto apenas para se trabalhar na literatura. Pautada nesta argumentação, o aporte teórico deste trabalho tem por objetivo trabalhar acerca dos recursos intertextuais presentes no gênero textual charge, além de destacar outras características presentes no gênero em questão. Pereira 2010, afirma que o planejamento é indispensável, da mesma maneira que é indispensável estar atento para o processo em si. O trabalho com essa perspectiva admite leituras possíveis, mas a partir de contextos reais de produção e recepção, considerando, no entanto, que os leitores são sujeitos históricos e, como tal, possuem experiência de vida e leitura diferentes.

Trabalhar com os gêneros do universo jornalístico em sala de aula requer que o professor tenha bastante atenção, visto que muitas vezes negligenciam-se alguns aspectos de um ou outro gênero e perde-se a oportunidade de fazer com que os alunos reflitam e se coloquem no mundo como sujeitos ativos, agindo na e pela linguagem. No entanto, devemos ter a consciência de que se os professores agem assim deve-se ao fato de que nem sempre estes têm o conhecimento suficiente sobre os gêneros ou parece que nos falta conhecimento para lidar com cada um deles em especial. Por essa razão aconselha-se ao professor o estudo sobre essas formas discursivas, obtendo conhecimento mínimo sobre o gênero com o qual se tece o texto que vai trabalhar em sala de aula.

O trabalho com esse tipo de assunto em sala de aula pode ser considerado “difícil”, visto que este possui muitas particularidades. De fato, a charge é um gênero que possui

muitas características, mas isso não é motivo suficiente que possa nos desestimular a inseri-la em sala de aula. Para compreendermos a charge, precisamos ter conhecimento de mundo e prestarmos atenção em tudo que acontece ao nosso redor. Em nossas atividades de escrita, recorreremos constantemente a conhecimentos sobre coisas do mundo que se encontram armazenadas em nossa memória como se tivéssemos uma enciclopédia em nossa mente, constituída de forma personalizada com base em conhecimentos de que ouvimos falar, lemos ou adquiridos em vivências e experiências variadas (KOCH E ELIAS, 2009. p14).

Essa afirmação nos leva a entender que a leitura da charge requer que tenhamos conhecimento do contexto político social em que esta foi produzida. Muitas vezes a imagem fala mais que o verbal, isso implica dizer que o professor deve estar atento para não tratar na sala de aula a imagem como elemento meramente ilustrativo, ou seja, deve-se destacar que se determinada imagem está presente na charge é porque há um propósito sendo assim de importância para a interpretação do gênero.

Se formos analisar a charge isolada de seu contexto de produção, é praticamente impossível recuperar determinado sentido, pois comprometerá a compreensão da leitura. Os chargistas recorrem a varias estratégias de discurso para produzir efeitos cômicos e reflexivos e a intertextualidade é um desses recursos.

1.2 Relação da charge com a intertextualidade

De acordo com Koch (2009), o leitor ao se deparar com determinado texto, facilmente identifica o texto fonte, porque faz parte da memória social e as alterações realizadas pelo sujeito produtor que resultaram nos textos anteriores. A charge utiliza a intertextualidade para fazer relações com o intuito de recuperar o sentido de determinado assunto. Muitas vezes o verbal e o não verbal aliam-se para enriquecer o discurso chargista. Beaugrand e Dressler (1981,p 27) dizem que a recepção de um determinado texto depende do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele de alguma forma se relaciona.

Isso explica porque alguns leitores ao verem determinada caricatura de um personagem político, ficam observando, certamente as lembranças vem à mente fazendo associações. Segundo Kleiman 1989, para o leitor compreender um texto e atribuir sentido a ele, faz uso de diversos conhecimentos prévios, de mundo, linguístico, textual; e é justamente através da soma desses tipos de conhecimento que ocorrerá o processo interativo. A autora ainda afirma que quando lemos um texto e compreendemos o que fica na nossa memória não é o texto na íntegra, mas as influências que foram feitas pelo próprio leitor, pois já estão fixas em sua mente de forma inconsciente. Desse modo, percebemos que:

O mero passar de olho pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura pelo leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes á compreensão de um texto que fornece pistas e sugeri caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar
KLEIMAN, 1989, p27.

Podemos dizer, portanto, que para notarmos a presença da intertextualidade na charge, devemos atentar não só o contexto de produção, mas na combinação da imagem com o texto, o humor, e a ironia aparecem de modo implícito ou através da polifonia.

2. Formando o leitor e o cidadão: Uma visão panorâmica sobre texto e leitura

A intertextualidade é um diálogo entre textos, mas antes de discutirmos as relações intertextuais presentes no gênero charge, é preciso mostrar conceito de texto, que de acordo com Koch (1992) texto é uma manifestação verbal constituído de elementos linguísticos relacionados e ordenada pelos enunciadores durante a atividade verbal, permitindo na interação não apenas depreensão do conteúdo semântico, em decorrências da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva como também asinterações (ou atuação) de acordo com práticas sócio culturais. Sendo assim, os textos, enquanto unidades comunicativas manifestam diferentes intenções do emissor: procuram informar, convencer, seduzir, entreter, sugerir estados de ânimo, etc.

De acordo com os PCNS 1998, o discurso quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Assim, pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral e escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados.

O trabalho com a leitura em sala de aula deve-se constituir num processo de construção de sentidos, pois é uma prática que leva à compreensão e desenvolve competências linguísticas. Para que essa prática seja inserida no contexto escolar, é importante que sejam proporcionados meios e textos que despertem o prazer pela leitura. Como afirma Bellenger, 1978.

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, despertar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, um apelo, uma ocasião de amor sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, 1978, p. 36).

Dessa forma, cabe ao professor buscar meios aos quais aconteçam momentos que possam contribuir no despertar do gosto pela leitura para que os alunos tenham meios de desenvolver suas capacidades de leitura e produção textual, sendo o gênero charge uma possibilidade para o desenvolvimento dessas competências.

Por essa ótica, o professor ao trabalhar com os gêneros em sala de aula não estará fugindo do conteúdo da gramática, mas, levando os alunos a compreenderem a importância de se trabalhar com esse tipo de gênero, os efeitos que ele apresentam como também a ocorrência linguística que este traz. Pois, é fundamental o professor levar o leitor-aluno a reconhecer presença da intertextualidade no gênero charge, observando suas características, isto é, a partir do momento em que o aluno tiver contato com este gênero em sala de aula

irá compreender o texto lido em sua profundidade e por consequência será capaz de refletir sobre os diferentes recursos adotados na charge.

3. Análise dos dados

3.1 Um olhar sobre o gênero charge

Sabemos que trabalhar com os gêneros do universo jornalístico em sala de aula requer que o professor tenha bastante atenção, visto que muitas vezes negligenciam-se alguns aspectos de um ou outro gênero e perde-se a oportunidade de fazer com que os alunos reflitam e se coloquem no mundo como sujeitos ativos, agindo na e pela linguagem. No entanto, devemos ter a consciência de que se o professor age assim é porque nem sempre este tem o conhecimento suficiente sobre os gêneros ou parece que nos falta conhecimento para lidar com cada um deles em especial. Por essa razão, aconselha-se ao professor o estudo sobre essas formas discursivas, obtendo conhecimento mínimo sobre o gênero com o qual se tece o texto que vai trabalhar em sala de aula.

A charge é um gênero bastante dinâmico, visto que está sempre inovando, criando, recriando determinado assunto por meio de uma caricatura e pela linguagem verbal e não verbal os acontecimentos cotidianos, tendo um ou mais personagens envolvidos. Este gênero é muito utilizado no meio político com o intuito de fazer uma crítica político social através do humor e da sátira. Para entendermos o conteúdo das charges devemos estar atentos ao que acontece ao nosso redor, atentando-se ao contexto de produção, os chargistas utilizam muitas vezes casos de caráter político que seja do conhecimento do público com estratégias para produzir efeitos cômicos e reflexivos. O uso da imagem é característica frequente em toda charge, dependendo das condições visuais o leitor consegue interpretar o objetivo que o chargista pretende passar. Em muitos casos, a imagem se alia a linguagem verbal para enriquecer o discurso.

Além das características mencionadas anteriormente, outro recurso utilizado nas charges diz respeito à intertextualidade que é a relação existente entre textos. Muitas charges dialogam de modo implícito e explícito fazendo com que o leitor utilize seus

conhecimentos prévios para entender não só o discurso, mas também a caricatura presente na charge. Ao analisarmos determinada charge envolvendo o meio político, devemos observar o contexto de produção desse gênero. Devemos ter conhecimento do contexto político-social a qual a charge foi criada, prestando atenção não só a imagem como o verbal. Como afirma Oliveira 2001.

Os textos chargísticos constituem, por isso, uma vasta memória social, sem a qual não poderia haver História, que só se constitui pelo discurso. E ainda: “o que merece destaque, porém, é a imprescindível relação do fato histórico com o texto chargístico, este, por recuperar aquele, torna-o memorável. (OLIVEIRA, 2001, p. 265)

Nesta perspectiva, esta análise propõe destacar aspectos sócio-políticos intertextuais presentes no meio político. Em se tratando de política no Brasil, os chargistas focam nas incoerências, postura, corrupções cometidas pelos políticos, principalmente neste ano de 2014 em que haverá eleições. Os candidatos utilizam de diversas formas para persuadir o leitor-eleitor tanto de partido de direita como de esquerda.



Disponível em: <http://www.luizberto.com/2010/10/page/10>

Na charge “A”, nota-se que Dilma (atual Presidente da República e candidata a reeleição) está ajoelhada com um crucifixo nas mãos, postura exercida pelas pessoas que oram e costumam frequentar a igreja, fazerem pedidos a Jesus quando desejam algo.

Certamente Dilma está orando para se reeleger. A imagem de Serra destaca uma postura séria e firme, como se estivesse preocupado, imaginando que não iria ganhar as eleições. Vale frisar que Dilma e Serra haviam disputado as eleições de 2010, mas quem conseguiu eleger-se foi Dilma, com uma quantidade considerável de votos.

Serra está na mesma postura que Dilma, ou seja, orando com um crucifixo nas mãos, entretanto, ele demonstra mais concentração em seu pedido, conforme observamos na caricatura. A postura dos candidatos foi utilizada pelo chargista para persuadir o leitor no intuito de demonstrar que ambos são pessoas “de fé”.

A intertextualidade é realizada através da “oração do pai”. Nota-se que o chargista utiliza a oração com intuito de ironizar que os políticos usam da “boa fé” do povo para elegerem-se e cometerem atos de corrupção quando chegam “ao poder”. Vale destacar que a oração do “pai nosso” é bastante conhecida pelo leitor, a partir disso, os chargistas apropriam-se para ironizar e criticar a postura tanto de Dilma, como de Serra os quais tentam influenciar os leitores pelas “falsas” promessas.

Podemos observar o lado cômico no “perdão” pelas incoerências, e que Deus não permita que eles caíssem nas intenções de voto. Isto é, eles estão querendo afirmar para o povo que se conseguirem se eleger, não irão “roubar” nem cometer incoerências, não repetiriam os mesmos “erros”. O “amém” é uma forma de confirmação da enunciação. Implicitamente o chargista está querendo argumentar que o povo de “boa fé” deixa-se levar pelas mentiras desses políticos, uma vez que não é novidade que quando eles chegarem ao poder cometeriam os mesmos atos corruptos. Todos os elementos que aparecem, desde a imagem, linguagem verbal, postura, gestos, cores, são de suma importância para a análise desse gênero. Uma vez que este se apoia na intertextualidade para diferentes fins, entre estes destacam-se a crítica, ironia, humor e satirização por meio de características políticas.

"NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA
TINHA UMA PEDRA NO MEIO DO CAMINHO."

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Podemos verificar Na charge “B” a intertextualidade através do poema de Carlos Drummond de Andrade, em que ocorre a revolta dos políticos reclamando que no meio do caminho havia uma pedra. Além da passagem bíblica em que eles argumentam que há essa pedra no caminho, tentaram retirar e não sobraria pedra sobre pedra. A palavra “pedra” está sendo usada metaforicamente, ou seja, querem passar a mensagem de que sempre que surgir alguém no caminho para impedir que sejam cometidos atos corruptos, estes conseguiriam retirar os “inimigos”, não sobraria nenhum para impedi-los de realizarem seus objetivos. A expressão “marreta maior” é a confirmação de que eles iriam destruir os obstáculos que surgirem em seus caminhos. Percebe-se também na expressão “marreta maior” o lado cômico e irônico do chargista. Como afirma Pereira (2010, p 200.) "a charge veicula um tipo de discurso critico, principalmente quando apresenta como alvo fatos políticos". Podemos perceber a afirmação do autor na charge “C”



Disponível em : http://olhoabertopr.blogspot.com.br/2011_11_01_archive.html

Nesta, o chargista também fala sobre corrupção, e o diálogo intertextual ocorre entre o Programa Criança Esperança da Rede Globo de televisão e a campanha ministro esperança dos políticos corruptos. Nota-se que a palavra “criança” foi substituída por “ministro” com o intuito de ironizar, criticar os atos corruptos em que os políticos desviam dinheiro público para benefício próprio. O interessante e cômico de se perceber são as caricaturas, pois se tratam de duas crianças sorrindo e um pirata, isso remete a observação implícita crianças sorrindo. Tendo em vista que eles desviam muito dinheiro para suas contas bancárias, por isso estão felizes, o pirata é a confirmação de que quando elegerem-se irão em busca do “tesouro” ou seja, o dinheiro dos cofres públicos.

Outro detalhe observado é a imagem do cachorro exclamando para que o povo ligue e deposite dinheiro, a quantidade exigida é bastante alta. Observa-se que o intuito do chargista em realizar o diálogo com o Criança Esperança foi proposital, como se afirmasse que o dinheiro que o povo deposita para ajudar as crianças também fosse desviado para outros fins, é como se houvesse a sugestão que há também corrupção no programa exibido pela Globo.



Na imagem “D”, a intertextualidade ocorre entre um ringue de luta entre Dilma e Serra, tendo Lula por juiz da “luta” entre esses adversários, e a expressão popular “ não vale dedo no olho”. Vale frisar que a charge em análise é do ano 2010 em que Lula ainda

era Presidente da República, Dilma e Serra eram candidatos as eleições. Lula exerceu o papel do juiz, apoiando Dilma visto que ela fazia parte de seu apoio político. Dilma e Serra estão com roupões e luvas de boxe, isso remete a concorrência e disputa entre eles, pois em uma luta de boxe os adversários se enfrentam e somente um sai vitorioso, neste caso, Dilma que conseguiu eleger-se. O humor está presente na caricatura de Dilma e Serra enquanto lutadores de boxe e concorrentes a presidência. A ironia está presente na imagem de Lula caracterizado de juiz, dando instruções para que os adversários iniciem a luta.

A expressão “enfim juntos” nos lembra a disputa política entre eles, pois primeiramente Serra disputou as eleições com Lula e não conseguiu se eleger. É interessante observar as expressões contidas nos adversários, sorrindo enquanto Lula separa os dois. Implicitamente o chargista está querendo argumentar que nas eleições Lula estava entre os dois, mas apoiando Dilma. A expressão “dedo no olho” remete a Lula, visto que Dilma e Serra estão “calados” e Lula com gesto de quem estava falando, além de que essa expressão foi utilizada metaforicamente para argumentar que não vale trapacear, pois durante a campanha política, o candidato não pode “comprar” nem tentar enganar os eleitores. Além disso, o ato de por literalmente o dedo no olho é um golpe que não é aceito em nenhuma competição, assim como comprar voto ou trapacear não é aceito em uma campanha política.

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se que a charge é um gênero rico em recursos de linguagem e que a intertextualidade é um desses recursos com característica criativa e inovadora. Este fenômeno enriquece a charge tornando-a mais atrativa e dinâmica. O trabalho com o gênero em questão é marcado pela opinião implícita e explícita, o que é de suma importância para o aprendizado do aluno em sala de aula. Destacamos que o professor deve estar atento ao trabalhar com o alunado todos os recursos presentes na charge, desde o verbal ao não verbal, observando que este é de suma importância, pois na imagem não se pode esquecer os elementos caricaturais e o contexto de produção.

Em sala de aula, ao trabalharmos com gêneros textuais estamos contribuindo com o despertar das capacidades dos indivíduos, e suas competências linguísticas. Deve-se salientar que não existem incapacidades, o que existe são capacidades e competências a serem desenvolvidas, sendo esta afirmação o que nos chamou atenção e é a maior contribuição que este trabalho nos proporciona, pois cabe ao professor e a escola, sendo estas as principais instâncias de sociabilidade, de saberes, valores e representações proporcionar meios os quais possam contribuir para o pensar crítico do indivíduo.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irlandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília 1998, 144p

BELLENGER, L. *Os métodos de leitura*. R.J: Zahar Editores, 1978. Trad de Dora Flakaman.

BEAUGRANDE, R; Dresler, W. Introdução no texto linguístico. London: Logman, 1981.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro; Lucerna, 2002.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português Linguagens. vol 03. 7 ed., reforma., São Paulo: Saraiva, 2012.

DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, Bezerra, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino / organizadores. 5ed- Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 252.

ESPINOLA, Luciene. In pereira Mendes, Regina Celi org.. Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula Editora Universitária da UFPB, 2002. 200p

kristeva, j. Introdução a semanalise. São Paulo: Perspectiva, 1974

KOCH, I NGEDORE G Villaça. BENTES, Anna Christina Cavalcante, Mônica Magalhães. Diálogos possíveis. -2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos- 9. Ed. Impressão- São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Exercício e compreensão ou cópiação dos manuais do ensino de língua*. UFPE, Recife 1996.

_____. *Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PEREIRA, Regina Celi: Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula/ João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. 200p.

Romualdo, E, C. charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo Maringá: EDUEM, 2000.

SILVA , Farias. Gêneros jornalísticos para a prática de sala de aula.

REVELLI- Revista de Educação, Linguagem e literatura da UEG-Inhumas.v.2, nº 2, outubro de 2007.<http://transversaldotempo.blogspot.com.br/2012/08/a-politica-e-esquerda-que-direita-gosta>.

[htmlhttp://www.r2cpress.com.br/v1/2011/10/30/charges-sobre-a-corrupcao/](http://www.r2cpress.com.br/v1/2011/10/30/charges-sobre-a-corrupcao/)